

“PRÊMIO OSMUNDO PONTES”³⁶

Juarez Leitão

É profundamente emocionante participar do movimento de agitação criativa que vive a literatura no Ceará.

Em nenhum momento de nossa história escrevemos tanto e com tanto fervor.

É um movimento semeador e produtivo que, adubado do presente propício, prepara o futuro.

E o futuro guardará um lugar para as nossas idéias e a permanência de algumas de nossas criações.

Elas estão brotando das mãos férteis da juventude e do fecundo coração dos cearenses de todas as idades.

E estão apoiadas por alguns empresários, que também descobriram o caminho da permanência.

Quando, a partir do século XV, eclodiu a Revolução Cultural na Europa, um homem de Florença, um mecenas, alistou seu nome entre os gênios da época.

Era o maior banqueiro, o cidadão mais rico do mundo e, dentre os ricos, o de melhor mentalidade.

Apoiou o mais ilustre time de renascentistas italianos, dentre eles Miguelângelo Buonarrotti, Rafael Sânzio e Leonardo da Vinci

Seu nome era Lourenço de Médicis, mas todos o haveriam de chamar de “Lourenço, o Magnífico”.

Certas atitudes humanas só podem ser praticadas em estado de paixão.

O filósofo francês Émile Chartier afirma que o mundo é conduzido pelas paixões e não pelas ações cartesianas.

Quem construiu os Jardins da Babilônia estava apaixonado. Assim como quem escreveu a Odisseia ou pintou a Monalisa.

A paixão frequenta o golpe rude da tragédia e o fulgor da apoteose.

Faz a corte à Rainha de Sabá e se cobre de poeira nas trilhas místicas de Juazeiro e Canindé.

Os braços da paixão alcançam o ontem, o agora, o amanhã e deitam suposições sobre o imponderável.

³⁶ Discurso pronunciado em 05 de novembro de 2007, no Hotel Gran Marquise

A paixão edifica, inventa, resplandece, formula teorias, desmonta o impossível, produz o gesto, o salto, a dor, o delírio. Gera o rio e a correnteza, as quedas e as alturas.

De seu barro elementar se fazem as guerras e as catedrais. As histórias singelas e as epopéias. Os poemas, os contos, as ufanias, as cantigas de ninar e as doces cirandas da liberdade.

OSMUNDO PONTES era um apaixonado.

Em tudo o que sonhava havia um toque luminoso, um brilho. Aquele brilho que não está nos olhos dos comedidos e dos acomodados, mas na alma impávida dos afoitos.

O gosto de atirar-se, movido pela paixão idealista, fazia dele, desde muito jovem, um inquieto, um mobilizador de massas pelas causas em que acreditava.

“Risonho, franco e disposto” – como o viu Eduardo Campos, naqueles verdes anos da mocidade, em frenéticas campanhas pela construção da Casa do Estudante e por uma imprensa lúcida, comprometida com a consciência cultural e democrática que o momento requeria.

Adolescente do pós-guerra, comportava-se como um arauto da reconstrução ocidental, pregoeiro dos valores que estiveram sob a ameaça fascista e ardoroso defensor da adaptação rápida da sociedade à dinâmica do século XX na vanguarda das artes, das letras e da tecnologia.

Fundador de uma das mais importantes publicações daquele tempo, a “Revista Contemporânea”, editada com capricho e criatividade, cedo construiu entre os leitores do Ceará e por onde circulava um sólido conceito.

Jornalista vocacionado, que logo se fez acreditado, emitiu sua opinião e sua filosofia nos grandes jornais do Ceará, do Piauí e do Maranhão, firmando-se também como um grande repórter. E nesse ramo do jornalismo venceu espinhosos desafios, conseguindo entrevistar figuras estelares da política, da literatura e do mundo artístico.

Com sua palavra franca e sedutora conseguia Osmundo Pontes abrir todas as portas.

Formado em Direito, na Turma de 1945, o destino o levaria para os caminhos da Justiça, primeiro como advogado e, depois, como Procurador Judicial de Terras do Ceará, Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza e, finalmente, como juiz e Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, em que se aposentou.

Viajante de muitos destinos, Osmundo cumpriu com vigor e prazer a herança andeja que nós recebemos dos índios, dos ciganos e dos judeus.

Correu terras e mares, num périplo bem maior do que a maioria dos grandes viajores.

Seu olhar sobre pátrias e gentes era assimilador e transcendente. Gostava de saber dos usos e costumes e de aprender lendo a alma humana e os sentimentos do mundo.

Sua paixão pela literatura foi precoce e obstinada. Usou-a na crônica, na reportagem, no relato de viagens e, quem sabe, nos versos.

Imagino quantos textos produziu no exercício lírico e em tarefas de encanto para o enleio de sua bela musa, a inefável Cybele.

Militante das entidades literárias a muitas pertenceu e de algumas foi fundador. Tinha na palavra, escrita ou falada, o instrumento de sua honradez, como bem disse ao tomar posse como Presidente da Academia Cearense de Retórica:

“A palavra nos possibilita o cumprimento de nosso ideário. Não as palavras vãs. Porque quando as palavras não dizem a nossa verdade, pouco importam, ou nada importam.”

Meus Amigos:

Nesta noite do PRÊMIO OSMUNDO PONTES estamos reunidos em nome da paixão.

Move-nos esse mesmo sentimento que um dia se tornou importante e certamente irrecusável para o seu criador.

Para um homem que animava as coisas que tocava e quando andava deixava as marcas da audácia, a distinção entre o transitório e o permanente devia estar suficientemente clara em seu espírito.

Apoiar e animar a criatividade dos que trabalham com a palavra foi o território que escolheu para a sua permanência.

Uns constroem pirâmides, outros erguem obeliscos. Mas somente os que semeiam idéias e velejam os venturosos mares da imaginação viverão para sempre.

Osmundo Pontes, o Cavaleiro da Paixão, que hoje premia poetas e prosadores, será premiado com a imortalidade.

SENHORAS E SENHORES:

Os vencedores do PRÊMIO OSMUNDO PONTES deste ano de 2007, modalidade CONTO e POESIA, fizeram jus aos louros da vitória.

O livro “MUNDO DOS VIVOS”, de Carlos Roberto Nogueira de Vasconcelos, enquadra-se perfeitamente no perfil do que o crítico Airo Zamoner define como conto: Uma única célula dramática que inclui uma ação, um lugar, um tempo e um tom.

Nosso contista premiado realizou uma obra distinta, impulsiva, ardilosa e original.

Seus personagens estão carregados dos fardos da angústia e se compatibilizam com o humano desespero contemporâneo.

São seres aflitos vivendo a sensação da impossibilidade, no limite extremo e terrível entre o chão e o pulo. Cada conto é um olhar veemente sobre a face medonha da vida, apoiado sobre as fatalidades que não podem ser entendidas pela lógica comum ou pela consciência habitual.

São situações brumosas, tratadas às vezes com a mão rude do justiceiro e às vezes com os dedos da delicadeza, todas, porém, em cenários de difícil acesso do estado de ponderação e lucidez.

Um livro forte, denso e bem tecido, que certamente cumpriu as intenções dramáticas de quem o concebeu.

O outro vencedor é o poeta José Telles com o livro “SILHUETA”, onde cumpre mais uma vez, com mão habilíssima, a bela arte de mitigar o profano com o sagrado para expressar sua vitalidade lírica.

Fui dos primeiros a aclamar sua poesia, que se revelou, desde o primeiro livro possuidora de sólidos reflexos existenciais e proclamado encantamento por tudo o que na vida é arroubo, sensualidade, fascínio e paixão, e que carrega no olhar e na alma o mistério sutil das promessas.

Neste livro novamente sua poética tem um jeito singular de acontecer por facetas bisonhas e líricas, deixando sempre que a paixão, que o incendeia permanentemente, estabeleça os caminhos e encha os campos de pão e de auroras, como nas melhores safras das transcendentais emoções humanas.

Amigos de Dona Cybele,
Amigos de José Carlos Pontes
Presidente Murilo Martins
Senhores Acadêmicos

Companheiros de literatura
Senhoras e Senhores convidados:

Nunca estamos preparados para as grandes saudades.

Algumas são maiores do que nós e, depois de nos lotar completamente, ficam se esvaindo pelos olhos, pelas palavras, pelas portas mal-fechadas de nossa solidão.

EDUARDO CAMPOS é o grande ausente desta noite e desta festa, em que ele brilhou com sua palavra bela e colorida, alicerçada de sabedoria.

O talento abundante e generoso de sua voz de trovão divino não estará hoje nos brindando com os recursos poéticos e a pronúncia encantatória de sua eloquência. Ficamos deserdados de uma bela oração.

Um homem que se construiu pelos melhores caminhos de formação das personalidades ideais, detentor de vasto saber e produtor de saberes, sai de cena inesperadamente quando ainda gestava afetos, dirigia entidades culturais, construía museus e, do alpendre remansoso da experiência, estava a contar histórias dos costumes antigos e dos ritos triviais do outro tempo, numa forma pedagógica de ensinar as intranquílias gerações presentes pela serenidade do passado.

Este homem imenso, um gigante, quase um viking, que por excesso de afeição era chamado de Manuelito, foi a inteligência múltipla desta cidade.

Estudioso, leitor obcecado, observador atento e intuitivo, engolia desde criança e com voracidade o número máximo de informações e depois as proferia, já transformadas, em peças de teatro, contos, crônicas e romances, vestidas então da melhor forma por sua criatividade exuberante.

Foi assim, um homem de sucesso. Um conquistador. Um vencedor. Como autor teatral, o mais premiado de toda a nossa história. No Brasil e no exterior.

Como os gregos entendia as razões permanentes da natureza humana e com elas trabalhava, apostando que, mesmo com os avanços e as transformações que o progresso cria, o homem é o mesmo, enclausurado em suas ambições, sonhos, medos e utopias. Da remota Antigüidade à Era Cibernética.

E depois de conquistar o patamar da fama e podendo dela viver desafiando indolências, continuou a trabalhar duro, assumindo novas funções e movimentando as rodas pesadas do mundo.

Da estatura sábia dos 80 anos, ao invés dos romances e das peças de teatro, passou a escrever livros de memória da Fortaleza dos tempos de aldeia.

Pequenos livros, espécie de manuais para ensinar as atitudes e as obrigações da antiga cidadania, muito úteis como lição de boas maneiras, respeito a Deus e convivência salutar.

São decisões assim que em alguns causam estarrecimento, aquele espanto que surpreendeu Sofia Tolstói quando seu marido Leon, escritor famoso de vida aristocrática, deixou o teatro diletante das festas fidalgas para se isolar no campo, vestido como um camponês russo, barba de Manjaléu, a se dedicar a trabalhos penosos, rachando lenha, carregando água, remendando os sapatos, e, tarefa principal, escrevendo no lugar dos romances que lhe haviam dado fama e fortuna, cartilhas para ensinar o povo.

Eduardo Campos nos contando sobre as coisas de outrora queria nos mostrar mais uma vez que a história é a mestra da vida e que os mais velhos têm a obrigação de apontar aos viajantes descuidados os percalços da estrada.

Desta forma era este homem ilustre a quem dedicamos esta cerimônia e de quem nos declaramos cheios de saudade, lamentando vê-lo partir, assim, levando bagagem tão rica, um saco de sementes que ainda poderia ficar por um bom tempo espalhando no chão difícil deste Ceará.

SENHORAS E SENHORES:

Concluímos celebrando novamente o espetáculo da vida e proclamando a força da paixão, o sentimento e a alavanca que moveram os sonhos e o fazer dos personagens desta noite.

A noite está apenas começando: vamos conquistá-la com nossa energia.